



RESENHA

JONES, Alex. *Não tem preço*. São Paulo: Quadrante, 2014 (254p.)**Do afro-americanismo ao caucasianismo:
um convertido discute o cristianismo
ocidental**

EDISON MINAMI*

141

Um dos maiores desafios do movimento ecumênico consiste na questão da conversão e/ou transito religioso de fieis de uma denominação para outra. Em geral as denominações religiosas veem com maus olhos esse transito religioso, considerado anti-ecumênico e obstáculo real a busca de um pleno entendimento entre cristãos e membros de outras igrejas. Nas minhas pesquisas efetuadas no período do meu doutoramento (2006-2010) tentei empreender uma busca por um ecumenismo prático que abarcasse a vivencia de um ecumenismo entre casais, homens e mulheres heterossexuais, mas o que descobri afinal foi que o relacionamento amoroso entre homens e mulheres católicos e luteranos levava a um abandono da denominação original e conversão à nova denominação religiosa, ou seja, acabei endossando o discurso de condenação desse envolvimento amoroso por parte das autoridades religiosas católicas e evangélicas.

Foi a partir dessas ideias de fundo que iniciei a leitura do livro de Alex e Donna Jones, *Não tem preço*. O livro – na verdade são dois textos, um do marido e outro da esposa – relatos da conversão de dois afro-americanos pentecostais ao catolicismo. O livro apresenta uma série de novidades ao leitor brasileiro, já que os dois relatos não tratam de uma realidade familiar a

nós, no caso o contexto da luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos, a tradição cristã dos pentecostais ianques e o seu anticatolicismo.

Minha resenha tentará abordar o livro em três momentos: a descoberta do casal de sua espiritualidade pentecostal, a vida em comunidade e por fim a caminhada que levou a conversão ao catolicismo.

No livro Jones relata momentos marcantes de sua vida: sua infância pobre, o problema advindo de ele ser mestiço (filho de branco com negra). Aliás, o leitor brasileiro provavelmente sinta mal estar com relação a franqueza com que Jones relata acontecimentos preconceituosos contra sua pessoa, o racismo nu e cru, algo a que nós brasileiros apenas agora acordamos para o problema.

No seu relato, Jones aponta a sua conversão ao pentecostalismo como um primeiro momento de ruptura em sua vida. A recepção dos dons do Espírito Santo, segundo ele próprio afirma, teria sido um novo batismo, um renascimento. Aqui o relato de Jones coincide com uma afirmação que ouvi do Prof. Dr. Lísias Negrão (Sociologia-USP): o convertido sempre vê sua vida anterior a conversão como algo ruim e sem importância frente a vida nova

proporcionada pela nova fé. A conversão é uma ruptura com relação a sua vida antiga, logo não é algo que as pessoas queiram fazer espontaneamente. Sempre haverá uma luta interior, uma “agonia” no sentido original grego, um combate onde o indivíduo, a sós com a perspectiva de mudar de vida, vai aplicar todas as suas forças. Nesse mesmo sentido expressa-se o Papa Emérito Bento XVI no primeiro volume de seu livro “Jesus de Nazaré”: os judeus não aceitavam a pregação do Cristo porque Ele se colocava como Deus e a fonte da Revelação Divina, ou seja, pedia ao judeu palestinese do Séc. I que abandonasse o “Grande Israel”, algo difícil de aceitar por um judeu daqueles tempos.

Voltando ao relato de Jones e Donna, após tornar-se pentecostal Jones fez faculdade de letras e lecionou por algum tempo, mas logo descobriu que sua vocação era ser pastor. Para isso ele passou a ler muito, preparando-se para os encargos que o esperavam:

“(…) não havendo alimento nem desafio algum para o meu intelecto, a minha fome por qualquer estímulo acadêmico ou intelectual crescia constantemente. Como consequência, passei a ler tudo o que estava ao meu alcance que pudesse aumentar o meu entendimento da condição humana e do fluxo e desenvolvimento histórico da humanidade”. (p. 60).

Aqui Jones apresenta uma característica excepcional: a fome de saber, algo que ele mesmo admitia que era incomum entre pessoas da mesma origem social e fé cristã. Uma consequência de seus estudos foi que ele adquiriu um modo crítico de entender o mundo, as pessoas e o ambiente onde ele havia crescido. Em outro momento do livro ele mesmo admitia não tolerar mais o exclusivismo dos negros norte-americanos (ele havia nascido nos anos 1940 tendo atingido a

idade adulta nos anos 1960-1970, auge dos movimentos negros norte-americanos pelos direitos civis) que pregavam o ódio contra os brancos, embora ao longo do livro ele e sua esposa se utilizem dessa dicotomia branco vs negro para delimitar diferentes visões de mundo e de Igreja.

A partir dos anos 1970 Jones, já casado com Donna, funda a *Igreja Maranata* e ao longo de quase 20 anos militou a favor do pentecostalismo. Aqui no relato de Jones desponta outra característica particular sua: a busca pela autenticidade e a verdade. Sua constante preocupação em depurar o culto pentecostal de acréscimos inventados ao longo de séculos criou não poucas resistências entre os membros de sua congregação. Jones comenta que ele sempre se preocupou em manter costumes nascidos dos começos do evangelismo, algo que seus seguidores por vezes não entendiam ou simplesmente não gostavam. Em certo momento Jones explica o porque dessas resistências:

“(…) na cultura negra, existe uma ‘batida’ fundamental que permeia toda a nossa música, seja ela jazz, blues, pop ou gospel. É a *nossa* batida; ela nos fala, nos toca, nos conforta; é parte da *nossa* identidade étnica. Qualquer música em que essa batida esteja ausente pode ser maravilhosa, mas não é a *nossa* música. Esse tipo de música alta e rítmica tem um papel fundamental no culto afro-americano moderno”. (p. 127).

Notemos como Jones traça um paralelo entre a tradição cultural negra e a liturgia católica europeia, que ele não tem escrúpulos de tachar de “sem graça”, pois não tem ritmo como a dos cultos gospel norte-americanos, o que, segundo informações do próprio Jones

não impede o catolicismo ser a Igreja Cristã onde há mais negros pelo mundo.

A partir do momento em que atingiu a maturidade, Jones e Donna começaram a questionar a originalidade e a própria verdade do pentecostalismo. A partir de um ciclo de aulas sobre a “Patrística” (cristianismo primitivo) Jones percebeu que o pentecostalismo se apegava a Tradições recentes em detrimento da Tradição do Cristianismo dos sécs. I-III. Nesse momento ele e sua família começaram a se questionar sobre a validade de sua fé evangélica e a buscar o verdadeiro cristianismo.

Nesse momento Jones começou um tímido contato com as autoridades católicas de Detroit-EUA que o desapontaram por não expressarem rapidez em apontar uma solução para o seu caso de conversão e o de seus seguidores. Aqui é preciso fazer dois esclarecimentos. Primeiro: conversões de comunidades inteiras sempre são complicadas e exigem muitas negociações de ambas as partes, em geral exigindo dispensas especiais vindas de Roma; segundo: há no movimento ecumênico um consenso de que conversões pessoais e/ou de comunidades inteiras executando a chamada “união orgânica” são nocivas para o desenvolvimento de entendimentos de unidade e, segundo Jones, o episcopado de Detroit está seriamente engajado no movimento ecumênico. Esses dois aspectos são importantes para entendermos a “má vontade” das autoridades eclesiais católicas em agilizar os tramites para a conversão de Jones.

Um ponto que chama a atenção são as comparações da liturgia pentecostal e da católica romana. Jones censura os católicos ianques que desvalorizam a liturgia e a Tradição da Igreja Católica, elementos essenciais para forjar o

sentimento de comunidade em contraponto ao forte sentimento comunitário e beleza litúrgica pentecostal. Para Jones o pouco caso dos católicos ao frequentar o sacramento da *eucaristia* (onde segundo os católicos ocorre o mistério da *Transubstanciação*) era algo incompreensível para ele que tanto buscara a plenitude do Cristianismo. Mesmo assim ele admite que: “O que há de negativo hoje na Igreja é totalmente ofuscado pelo bem que se está operando nela”. (p. 166), opinião endossada pelo relato de sua esposa, Donna, que chega a afirmar que, apesar das notícias de crimes e erros dos católicos atuais: “Deus esteja a recriar a glória inicial da sua Igreja, a glória no Dia de Pentecostes” (p. 250).

A ênfase de Alex pela busca dos elementos da Tradição do cristianismo no catolicismo atual reatualiza a discussão que foi colocada a partir do pontificado de Bento XVI (2005-2013): o catolicismo hoje viveria uma continuidade com o catolicismo antigo e moderno ou ocorreu uma ruptura a partir do *Vaticano II*? Para Jones há mais continuidade do que ruptura. Jones demonstra compreender a noção histórica de *Tradição*: conjunto de costumes e hábitos de um grupo e um povo que é reatualizado a cada geração, sendo os jovens acólitos desafiados a adotar alguns aspectos da Tradição considerados bons, ou então partir para o desafio formidável que é o de criar novas Tradições, com toda a carga de riscos e perigos daí decorrentes.

Na parte final de seu relato, Jones desabafa:

“É praticamente impossível um negro converter-se ao catolicismo nos EUA sem aceitar um estilo de culto tipicamente europeu – e poucos estão dispostos a tanto. Há multidões de

afro-descendentes nos Estados Unidos que poderiam se beneficiar profundamente da Mesa do Senhor, mas que não conseguiriam tolerar um estilo europeu de culto”. (p. 169-170).

Para Jones o que pesou mais na sua conversão não foi a beleza do culto mas a plenitude do cristianismo que ele, após anos e anos de buscas, encontrou dentro do catolicismo romano. Jones demonstra ter usado de racionalidade para depurar sua pesquisa pela “Igreja Primitiva”, mas ele mesmo alerta que poucos estão dispostos a tanto. Jean Daniélou no seu livro “Sobre o mistério da história” (Herder, 1962) alertava para o problema das Tradições forjadas após séculos de contato com populações europeias serem usadas na evangelização das culturas asiáticas e africanas. Dentro da ótica da Tradição cristã nascida do contato entre Europa e Cristianismo pensar uma missa “afro” ou “hindu” não é possível, mas talvez no futuro se possa pensar uma liturgia negra ou amarela libertada das associações com as religiões não cristãs

e que deste modo possa ser celebrada sem que incorramos em irreverências ou heresia.

Eis os pontos centrais que a leitura do livro de Alex Jones nos convidam a fazer: depurar o cristianismo de elementos acidentais para que o não católico consiga ver o núcleo da mensagem cristã e assim se converta. E depois refletir sobre uma liturgia e uma catequese que, sem deturpar a essência do cristianismo, transmita os valores culturais que os neófitos já carregavam dentro de si antes de sua conversão.

Em resumo, a mensagem que se encontra no *Documento de Aparecida* (2007) do episcopado católico latino-americano e nas reflexões sobre a *Interculturalidade* do papa emérito Bento XVI como substituto da *Inculturação* (Cf. Paulo VI. *Evangelii nuntiandi*, 1976).

Recebido em 2015-03-30
Publicado em 2015-05-10



* **EDISON MINAMI** é Doutor em História Social pelo DH-FFLCH-USP especializado em história do período republicano brasileiro, história das religiões e ciências da religião